

ENTRADA

11 JAN. 2018

De: victor brito [mailto:victorjlbrito@gmail.com]
Enviada em: quinta-feira, 11 de Janeiro de 2018 20:01
Assunto: O 25 de Abril e a Força Aérea em Angola

Tendo sido nomeado, em Novembro de 1973, para comandar o Grupo Operacional nº 901, a unidade operacional mais poderosa e com maior número de pilotos e de aeronaves da Força Aérea Portuguesa, coube-me a responsabilidade de enfrentar pessoalmente as consequências imediatas do 25 de Abril de 1974, naquela unidade. Com efeito, todos os oficiais com patente superior à minha, que era TenCor PilAv, foram saneados nesse mesmo dia, desde o General Comandante da Região Aérea, passando pelo Brigadeiro segundo Comandante, pelo Chefe de Estado Maior, pelo Comandante da BASE 9, de Lunda, com a única excepção do 2º comandante da Base Aérea, TenCor Andringa, que se encontrava ausente na Metrópole. Respeitando a hierarquia militar, seguia-se o Comandante do Grupo Operacional 901, que era eu.

Junto um pequeno artigo sobre este assunto que saiu no último número da revista da AFAP, Associação da Força Aérea Portuguesa



MS 00269

205 25A - Ex 5

*Grupo Operacional 901
Base Aérea 9 - Luanda*

AFAP:1

O 25 DE ABRIL E OS SEUS REFLEXOS EM ANGOLA

Na manhã de 25 de Abril de 1974, pelas 7 horas, quando ainda era de noite em Luanda, estava eu a entrar no edifício de comando do Grupo, quando fui interpelado por um Squadron Commander da Força Aérea Sul Africana. Ele tinha-se apresentado apenas 2 dias antes no Grupo Operacional nº 901, já tínhamos tido uma breve conversa e eu já tinha feito com ele o primeiro voo de Camberra deitado no único lugar disponível, a posição do navegador que dispunha de um painel de instrumentos igual ao do piloto. O destacamento que comandava estava acampado, em sofisticadas tendas dentro do perímetro da Base Aérea nº 9. Nessas tendas dispunha de comunicações nas bandas de frequência HF com o seu país e com o mundo, tendo sido através deste oficial que fui informado da revolução que tinha deflagrado na Metrópole naquela madrugada.

Eu costumava preparar com antecedência a reunião diária do Grupo, com início às 8 horas. Esta reunião matinal tinha lugar numa ampla sala devidamente apetrechada para o efeito. Começava pela intervenção do oficial de informações do grupo, seguido pela intervenção do oficial de operações e de outras intervenções ligadas às operações que iam ter lugar nessa data. Sob a coordenação do comandante do grupo, a ela tinham passado a assistir, não apenas as tripulações de todos os voos previstos para o dia, mas também representantes de todos os ramos das forças armadas ao nível da Região Militar de Angola, isto é, da Marinha, Exército e Força Aérea (embora o oficial de operações da 2ª Região Aérea estivesse em contacto, quase permanente, com o Grupo). Nesta reunião, iniciada à hora prevista, informei que tinha acabado de receber a notícia de que o Governo da Nação tinha sido deposto horas antes, mas realcei também que, para este grupo operacional, todas as operações deviam ser executadas conforme tinham acabado de ser planeadas e descritas. De facto, todos os aviões e helicópteros partiram, sem hesitação, para os destinos que lhes estavam reservados.

O período que se seguiu, caracterizado por uma grande agitação social e instabilidade política, à semelhança do que se passava na Metrópole, não afectou a noção do dever nem a disciplina do pessoal que servia o G.O. nº 901. Com efeito, depois do 25 de Abril, uma parte significativa dos

aviões e principalmente dos helicópteros do G.O. 901, foi atingida pelo inimigo que, na altura, tentava de forma oportunista, demonstrar por todos os meios que possuía expressão militar com capacidade para se opor às forças armadas portuguesas.

De realçar, neste aspecto, o abate de um helicóptero em que foi sacrificada uma jovem tripulação, piloto e operador de canhão, Aferes Santos e 1º Cabo Paiva, no acto de cobertura armada a uma companhia de paraquedistas cercada de surpresa, quando se encontrava em operações na floresta de Maiombe, em Cabinda. Apesar de ter sido alertado pelos paraquedistas que estava a ser alvejado, o Aferes Santos, acompanhado pelo seu homem do canhão, 1º Cabo Paiva, continuou a sua acção de protecção dos militares a actuar no terreno, tendo acabado por ser atingido mortalmente pelo fogo inimigo. Foi, pois, em combate, que uma tripulação de Allouette III morreu heroicamente no cumprimento da sua missão numa altura em que, na Metrópole, paradoxalmente, se discutia a entrega imediata, irresponsável, das antigas províncias ultramarinas com total desprezo pelos laços históricos que ligaram Portugal, durante séculos, a estes povos e desrespeito pelas cantenas de milhares de portugueses que ali viviam desde há gerações.

Outro acto, igualmente digno e heroico, que ocorreu pouco tempo depois, consistiu no ataque sofrido por um helicóptero em operações na região de Maqueta do Zombo cujo piloto, o então capitão Pil. Av Rui Fidalgo Ferreira, tendo sido gravemente atingido em voo numa missão de apoio armado com heli canhão, ainda assim conseguiu sair da zona de tiro pilotando a sua aeronave mesmo com a sua perna esquerda trespassada pelas balas do inimigo e aterrar o seu helicóptero com a mesma perícia com que o fazia em situação normal.

Foi deste tipo o exemplo legado pela Força Aérea em Angola e, praticamente, em todas as províncias ultramarinas onde esteve representada. Foi também desta forma honrada que os nossos heróis perpetuaram a boa memória da sua esquadra e do grupo operacional a que esta pertencia com o lema "Audacia Fortuna Juvat" ou a "A Sorte Protege os Audazes".

Victor Lopes de Brito
Cor Pil. Av. (Ref.)



005252.F.11a.5

MS00269